

Sob o Efeito da Loucura

Dentre as possibilidades de uma pessoa ter visões, é mínima que seja clarividência. A maior probabilidade, leva às condições necessárias e precisas de um possível distúrbio nervoso (mental).

Como explicar tais visões não reais? Algo espiritual? Alguma coisa que está além da compreensão humana e material?

Ora! É bem sabido que o cérebro, ou seja, o sistema nervoso, trabalha à base de correntes elétricas que o circula constantemente, isto é, os vários neuro-transmissores, tal como a acetilcolina que é um dos grandes responsáveis nesta área, por processos conhecidos de variadas reações químicas, libera quantidades necessárias de energia elétrica para a excitação neural. Como a excitação causada nas células nervosa é diretamente proporcional à quantidade de neuro transmissores, quanto maior seu número, maior a estimulação da célula receptora.

Consideremos que a condição de estar consciente, seja uma determinada "linha", ou "corrente neurônica" que possibilita à pessoa considerar-se consciente. Quero dizer, saber que está vivo e reconhecer que pode usar de seu corpo para fazer o que quiser e puder, julgado pelas proposições morais e estético-sociais. Deste modo, todas as energias que excitam os neuro-receptores, que formam os sentidos, transformam-se em eletricidade, a qual é conduzida ao sistema nervoso central, dando assim, o poder de ver, de ouvir, de sentir gosto, frio, calor, etc.

Ao contrário, isto é, estar inconsciente é o modo de estar relaxado, na forma letárgica e onírica, em que, o que sente-se, é transferido ao encéfalo que reage produzindo os sonhos. E se, o ente não for portador de uma neuro-patologia, tal qual ser hipnóbata (sonambulo), em que o cerebelo não é desligado do sistema nervoso central, levando a pessoa a mover-se de acordo com o sonho, então esta apenas permanece vendo, sentindo e ouvindo.

Contudo, vendo, sentindo e ouvindo o quê?

É bem lógico que o problema a ser resolvido, esteja aí!

Vemos que, embora a pessoa esteja no estado inconsciente, o cérebro permanece em alta atividade. E é possível que o que se vê ou o que se sente e ouve é, nada mais, nada menos que a energia elétrica circulante, que passa por redes de neurônios responsáveis pela sensibilidade, tal qual a região occipital, no caso da visão. Desse forma, é produzido imagens, sons imaginários audíveis (pessoas conversando, barulhos de todos os tipos, etc.), dores, calor, frio, etc. em nossos pensamentos ou sonhos, sem que haja incidência direta de luz nos olhos, ou ondas acústicas nos ouvidos, etc.

E se fosse possível uma condição de se estar consciente e inconsciente ao mesmo tempo? Quero dizer... ou melhor, vou explicar a minha própria pergunta. Seria um candidato à loucura, isto é, uma possível explicação para a loucura. Seria você juntar seus problemas cotidianos, com seus traumas, mais outras tantas coisas, como um excesso de preocupação e, de tanto buscar, em matutações respostas às suas questões, desviar as energias circulantes de seu cérebro, para uma outra "linha qualquer", que faça as analogias e comparações erradamente, isto é, confundir o que vê, ouve ou sente, isto devido a que, os centros nervosos estão a receber energias que estão girando em "linhas tortas", e não na região que dá a consciência pela recepção das energias corretas dos sentidos (sistema nervoso periférico).

Se formos analisar de onde vêm estas energias, encontraríamos vários lugares, como é o caso de uma intervenção neural de alguma substância intrusa (caso de drogas), ou mesmo pela destruição (morte) de algum neurônio, ou ainda de uma desconexão (uma quebra entre ligações nervosas).

Vejamos esta história passada a alguns anos atrás na cidade C.:

Arnaldo H. C. Era um rapaz estudioso, calmo, que muito apreciava a leitura.

Descendente de uma família que tinha casos de problemas neurológicos (seu bisavô ficou esquizofrênico aos trinta e sete anos de idade e seu tio-avô era paranóico), nunca tinha apresentado algum sintoma nervosos. Durante toda sua vida, jamais havia usado alguma droga.

Dentre tudo, por se dedicar muito aos estudos científicos, tornou-se altamente cético, pois buscava explicações para todos os fenômenos naturais, e não se contentava em desconhecer alguma coisa.

Certa noite, contava com vinte e um anos e sete meses de idade, acordou-se após ter tido um pesadelo.

Seu relato posterior, disse que, sonhou que estava perdido em uma região pantanosa muito lamacenta, cercado por árvores tétricas, as quais lhe impunham insólito terror. Além de tudo, ele estava sendo caçado por várias Harpias. Corria, passando pelo pântano, fugindo das terríveis figuras que o perseguiam incessantemente, até que, ao passar de frente a um grande carvalho, o mesmo transformara-se em uma enorme Hidra de sete cabeças, tentando abocanhar-lhe. Com tal surpresa, desequilibrou-se, indo cair dentro das águas. Quando tentou levantar-se dali para continuar fugindo, algo o imobilizou e, enquanto ele tentava se mexer, saía de dentro da escuridão, um vulto sombrio que ia se apossando de seu corpo vagarosamente.

Neste momento, Arnaldo acordou-se. Seu coração batia forte e, seu pulso estava dando mais de cento e vinte pulsações por minuto.

Após um rápido relaxamento, passou a analisar aquela mensagem onírica. Meditou sobre o que tinha o seu sonho a ver com a sua realidade vigente. Depois de uns quarenta minutos, viu que, apenas se ligava aos livros que muito o haviam fascinado. Exatamente livros sobre mitologia, magia e misticismo. Como não encontrou uma resposta mais convincente, parou por aí.

Levantou-se de sua cama e, foi até a cozinha beber um pouco de água.

Embora estivesse calmo, sentia-se vigiado por algo que ele definiu como efeito do pesadelo, isto é, abalo psicológico.

Quando chegou à cozinha, dirigiu-se ao armário. Quando ia se aproximando do mesmo, um rato passou por perto de seus pés e, de supetão, escorregou, caindo com a cabeça no chão.

Após um minuto de inconsciência, levantou-se, correu até a geladeira, abriu-a e pegou uma pedra de gelo, a qual colocou sobre o local da pancada, para amenizar a dor.

Repentinamente, quando encostou o gelo em sua cabeça, descobriu que aquilo não era uma pedra de gelo, e sim uma bola de fogo, a qual estava queimando tanto sua mão, quanto seu cabelo.

-Ahh! Deu um grito e largou aquilo no chão, enquanto corria para a pia para jogar água na cabeça.

Quando abriu a torneira, viu que também, não era, realmente uma torneira, mas uma bomba injetora de gasolina. E tudo ali dentro, incendiou de repente.

Gritou novamente, com todo o ar que tinha em seus pulmões:

- Socorro! Alguém me ajude! Incêndio!

Porém, em um momento tudo foi se modificando e voltando ao normal. Olhou para os lados e viu a torneira derramando água, a geladeira aberta e, uma taça de cubos de gelo derramada no chão.

Pensou consigo:

- Deve ter sido um lapso de tempo ou de consciência... sei lá! Talvez imaginação.

Pegou o gelo que estava derramado pelo chão, colocou na pia, fechou a torneira e, voltou à geladeira para pegar a garrafa de água para beber, a qual tinha uma tampa vermelha.

Retirou-a de lá, fechou a geladeira e se guiou ao armário novamente, para pegar um copo. Só que sentiu que a garrafa estava vibrando em suas mãos. Bateu-lhe um medo enorme, e ele, vencendo-o pela sua força de vontade e ceticismo, levantou a garrafa de água até a altura de seus olhos, para focalizá-la. Havia ali dentro, não água, mas sim, sangue e um coração que batia freneticamente.

Do medo, soltou a garrafa no chão, que se quebrou de imediato em mil pedaços, enquanto que o sangue se esparramava por todos os lados, deixando tudo pintado de vermelho. Quanto ao coração, caiu perto da porta da cozinha e, ali, continuou a bater.

Seu pulso já contava com uma taquicardia de mais de cento e quarenta pulsações por minuto.

Olhou aterrorizado para os lados. Estava tão nervoso que não conseguia gritar, nem se mexer.

Com muito esforço, moveu-se, só que escorregou e, caiu sentado no chão.

Virou os olhos para a porta. O coração estava ali bombeando sangue para tudo que era canto. Aquilo deu-lhe arrepios.

Aos poucos, o coração foi reduzindo suas batidas e, o sangue começou a parar de escorrer. Seu pensamento era de que tudo ia parar ali.

Contudo, abriu-se um olho no coração e, o fitou fortemente. Daí, as extremidades de suas veias cortadas, começaram a crescer, esticando-se rapidamente em sua direção. Deu-lhe um calafrio que, quando tentou se levantar para dali fugir, estava paralisado e, as veias o atacaram, penetrando em seu corpo para sugar-lhe o sangue e, dessa maneira, o coração sobreviver.

Foi aí que ele conseguiu dar um grito de alta intensidade que, acordou a todos dentro de casa, embora as paredes dos quartos fossem acarpetadas.

Neste momento, Arnaldo viu chegar na porta da cozinha, onde se encontrava o coração, três seres mitológicos: um ciclope, o minotauro e, o que lhe havia perseguido em seu sonho, a harpia.

Arregalou os olhos, quando os viu, porém estava fraco, devido ao coração que lhe sugava o sangue.

O ciclope chutou o coração, o que lhe deu uma imensa dor no peito. Foi quando ele viu que aquele coração era o seu próprio.

- Ahh! Gritou com a dor.

A harpia correu para perto dele agarrando-o com suas fortes mãos, ou melhor garras, pois tinham enormes unhas que, ao tocar-lhe, cortavam-no todo.

O minotauro avançou mugindo e, juntamente com o ciclope, ajudou a harpia a agarrá-lo.

Então, o ciclope pegou uma cobra que estava dependurada em um dedo que saía da parede e, enlaçou-o com a mesma.

A única coisa que Arnaldo fazia era gritar, pois de tanto a harpia falar negócios que ele não conseguia compreender, achou que ele estava para ser devorado.

O ciclope levantou-se e saiu correndo pela porta, chutando novamente seu coração.

As dores se tornavam, cada vez mais, insuportáveis:

- Ai! Soltem-me, tirem-me daqui! Alguém me ajude! Tirem esta cobra do meu corpo! Não chutem meu coração!

Quando o ciclope retornou, o minotauro mugiu e apontou para o coração. De imediato o ciclope pegou-o e o colocou sobre uma lâ cheia de formigas, que começaram, imediatamente, a picá-lo.

O recinto foi abalado por um intenso trovão e, o ciclope, mais uma vez, correu pela porta. Só que desta vez, retornou com três fantasmas que, traziam consigo uma enorme faixa. Começaram a enrolá-lo. Arnaldo gritou, já rouco:

- Eu não quero virar múmia! Soltem-me! Socorro!

Sem conseguir reagir, Arnaldo viu que um dos fantasmas tirava um gigantesco pernilongo de uma gaiola, o qual foi alimentado com alguma coisa parecido com ácido e, o colocou exatamente sobre seu braço.

O enorme mosquito ferrou-o e, saiu voando de volta para a gaiola.

Arnaldo começou a ver que tudo estava sumindo da sua vista, enquanto os fantasmas lhe envolviam...

passado algum tempo, Arnaldo abriu os olhos e, pelo cheiro no ar, viu que se encontrava em um hospital.

O médico que estava a seu lado, contou-lhe a história que havia acontecido.

Arnaldo indignado, indagou ao médico:

- Doutor, quer dizer que eu tive uma séria crise de esquizofrenia?

- Sim, porém foi breve, pois você foi atendido à tempo. E sendo assim, você vai ter de ficar tomando alguns remédios, os quais lhe deixarão novinho em folha. Já dei todas as recomendações a seus pais e, o resto está tudo bem.

Arnaldo ficou um tanto deprimido, mas logo venceu esta fase.

Passados dois anos, Arnaldo, por um tanto de irresponsabilidade, deixou de tomar seus remédios.

Após algum tempo, nada sentiu de estranho, até que um dia, acordou-se a uma hora da madrugada, devido a outro terrível pesadelo.

Lembrou-se da primeira vez que lhe aconteceu tal coisa e, correu até a cozinha para tomar, urgentemente, os seus remédios controlados.

Ao abrir o armário, onde se encontrava uma pequena farmácia caseira, pegou um vidro de mercúrio cromo, conteúdo de um litro, que estava logo em sua frente para procurar logo o remédio.

Quase que de imediato, o grande vidro plástico, que se encontrava em suas mãos, transformou-se em um coração.

Arnaldo jogou-o no chão e, o recipiente saiu rolando até a porta da cozinha.

Viu uma caixa de comprimidos e, quando foi pegando nela, esta abriu uma boca com dentes afiadíssimos e, mordeu-lhe a mão.

Arnaldo gritou com a dor!

O coração no chão, mais uma vez, jogou suas veias por sobre seu peito, enquanto passou pesados aproximavam-se da porta. Aparece então, o minotauro a lhe observar atentamente.

Arnaldo gritou quando as veias lhe penetraram.

Foi aí, que o minotauro mugiu bravamente e, pisando no coração que ali estava, estourando-o.

De um grito estrondoso, Arnaldo caiu no chão com as mãos sobre o peito.

Morrera de infarto.

Seu pai, levantou-se do chão, após ter caído com a pisada que estraçalhou o recipiente de mercúrio cromo e, correu para ajudar a Arnaldo, que já não tinha mais vida.

Em sua catacumba, foi escrito em uma placa de bronze sobre mármore branco, a seguinte frase:

"ENTRE OS MAIORES MISTÉRIOS DO UNIVERSO, ESTÁ A MENTE HUMANA "

"CONHECE-TE A TI MESMO"

(Tales de Mileto)

Será que minha teoria está certa???

